

O Programa de Filosofia para Crianças de Matthew Lipman

Matthew Lipman's Philosophy Program for Children

Márcia Gabrielle Rodrigues Laux¹

RESUMO

Um importante nome a ser destacado ao pesquisar sobre o ensino de filosofia para crianças é o de Matthew Lipman. Considerando a relevância de um trabalho que fomentou a discussão sobre a temática e espalhou-se por diversos países, o presente artigo apresenta o resultado de uma pesquisa bibliográfica sobre a metodologia de ensino proposta por Lipman em seu Programa de Filosofia para Crianças, assim como os seus pressupostos teóricos. Para atingir o objetivo proposto, foram selecionados quatro títulos de Matthew Lipman (1995a; 1995b; 1998; 1988), uma obra de Matthew Lipman, Frederick S. Oscanyan e Ann Margaret Sharp (2001) e também uma obra de análise crítica do programa, de autoria de René José Trentin Silveira (2001). Lipman propõe uma abordagem que visa desenvolver habilidades do que ele chamou de “pensamento melhor” - mais lógico, mais coerente, mais produtivo, mais bem-sucedido” (LIPMAN, 1988, p.59) - desde a mais tenra idade. Sua metodologia apresenta centralidade nas comunidades de investigação e parte da leitura de novelas - desenvolvidas pelo próprio autor - que têm o intuito de fomentar discussões filosóficas, o diálogo e a construção conjunta de significados. Segundo o autor, a partir desta proposta, as crianças são impulsionadas a explorar questões fundamentais, a analisar argumentos e a considerar diferentes perspectivas, preparando-as para uma participação ativa e crítica na sociedade.

Palavras-chave: Metodologia; Ensino de Filosofia; Filosofia para Crianças; Educação Básica; Matthew Lipman.

ABSTRACT

An important name to be highlighted as we research teaching kids philosophy is that of Matthew Lipman. In view of the relevance of a work that promoted discussion on the subject and spread across several countries, this article presents the result of a bibliographical research on the teaching methodology proposed by Lipman in his Program ‘Philosophy for Children’ (P4C), as well as its theoretical assumptions. To achieve this purpose, four works by Matthew Lipman were selected (1995a; 1995b; 1998; 1988), a work by Matthew Lipman, Frederick S. Oscanyan and Ann Margaret Sharp (2001) and also a work of critical analysis on the program, written by René José Trentin Silveira (2001). Lipman proposes an approach that aims to develop skills of

¹ Graduada em Licenciatura em Filosofia pela UFRGS, Especialista em Filosofia Clínica pela Casa da Filosofia Clínica, Mestranda do PROF-FILO UFRGS 2023/1, professora de Filosofia na rede privada de ensino em Osório/RS e professora de Filosofia na rede municipal de ensino em Porto Alegre/RS.

what he called "better thinking" - more logical, more coherent, more productive, more successful" (LIPMAN, 1988, p. 59) - from an early age. His methodology presents centrality in the research communities and starts from the reading of novels - written by the author himself - which intend to foster philosophical discussions, dialogue and the joint construction of meanings. According to the author, with this proposal, children are driven to explore fundamental issues, analyze arguments and consider different perspectives, which prepares them for active and critical participation in society.

Keywords: Methodology; Teaching Philosophy; Philosophy for Children; Basic Education; Matthew Lipman.

Introdução

As obras escolhidas para conhecer o programa de Filosofia para Crianças de Matthew Lipman foram *Filosofia vai à escola*, de autoria de Matthew Lipman (1988), *Filosofia na Sala de Aula*, de Matthew Lipman, Frederick S. Oscanyan e Ann Margaret Sharp (2001), *Filosofia vai à Escola? Contribuição para a crítica do Programa de Filosofia para Crianças de Matthew Lipman*, de autoria de René José Trentin Silveira (2001) e três novelas escritas por Matthew Lipman, *Issao e Guga* (1995a), *Pimpa* (1995b) e *A Descoberta de Ari dos Telles* (1998).

Para Lipman, “o maior desapontamento da educação tradicional é o seu fracasso em produzir pessoas que se aproximem do ideal de racionalidade”. (LIPMAN, 1988, p.34) e, por isso, desenvolveu o programa de Filosofia para Crianças, com o objetivo de realizar um trabalho que, segundo ele, ajudaria a suprir essa lacuna. Segundo o autor, falar sobre pensamento filosófico é falar sobre um raciocínio guiado pelo ideal de racionalidade, que não é meramente pensamento, mas pensamento melhor. Lipman defende que “colocar a filosofia nas séries iniciais do 1º grau é um meio de causar um melhor pensamento - mais lógico, mais coerente, mais produtivo, mais bem-sucedido” (LIPMAN, 1988, p.59) do que quando outras abordagens educacionais são utilizadas. O autor chama a atenção para a educação que reproduz a prática de os (as) alunos (as) sentarem em filas, darem respostas apenas quando forem solicitados e realizarem exercícios de memorização. Com a inserção da filosofia nos currículos seria iniciada a prática de uma nova dinâmica de aulas, que auxiliaria a desenvolver uma nova forma de os alunos se relacionarem entre si, com o conhecimento em geral e com os seus próprios pensamentos, pois:

O fazer filosofia exige conversação, diálogo e comunidade, que não são compatíveis com o que se requer na sala de aula tradicional. A filosofia impõe que a classe se converta em uma comunidade de investigação, onde os estudantes e professores possam conversar como pessoas e como membros da mesma comunidade; onde possam ler juntos, apossar-se de idéias conjuntamente, construir sobre as idéias dos outros; onde possam pensar independentemente, procurar razões para os seus pontos de vista, explorar pressuposições; e possam trazer para suas vidas uma nova percepção de o que é descobrir, inventar, interpretar e criticar. (LIPMAN. 1988, p.61).

Metodologia e Pressupostos Teóricos

Na obra *Filosofia na Sala de Aula*, Lipman, Oscanyan e Sharp (2001, p.68 e 69) defendem que deveríamos viabilizar para as crianças o exercício do pensar por si mesmo, treinando o desenvolvimento de um pensamento organizado a partir de regras da lógica formal e informal. Para os (as) autores (as), isso se daria a partir da intersecção da variedade de estilos de pensar, fundamentos, valores e experiências de vida que se apresentam misturados em uma sala de aula, contribuindo para a criação de uma comunidade de investigação. Os (as) autores (as) argumentam que uma sala de aula transformada em uma comunidade de investigação - comprometida com os procedimentos da investigação, da evidência e da razão, aos poucos, auxilia na criação de hábitos reflexivos do indivíduo.

A construção de uma comunidade de investigação é uma realização mais substancial do que a simples ideia de um ambiente aberto. Certas condições estabelecem-se como pré-requisitos essenciais: a prontidão para a razão, o respeito mútuo (das crianças entre si e das crianças e professores entre si) e ausência de doutrinação. Já que essas condições são intrínsecas à própria filosofia, são, por assim dizer, parte da sua verdadeira natureza, não é surpresa que a sala de aula se converta numa comunidade de investigação sempre que servir de palco para estimular, de forma efetiva, a reflexão filosófica das crianças. (LIPMAN; OSCANYAN; SHARP. 2001, p.72).

Como apontado por Silveira (2001, p. 69), a Comunidade de Investigação tem como propósito oferecer a elaboração conjunta de um conhecimento sobre o tema proposto e não prevalecer um ponto de vista sobre os demais. Sendo assim, as opiniões individuais são analisadas em prol do esclarecimento de

todos. O mais importante é fazer com que todos participem ativamente da discussão, não tendo como foco o alcance de conclusões consensuais e definitivas. Todas as opiniões serão respeitadas, desde que o aluno apresente boas razões para defendê-las. Contribuições de professores e alunos devem ser dispostas com o mesmo peso e respeito. Porém, o (a) professor (a) deverá interferir o menos possível, para que os diálogos sejam construídos de fato entre os (as) alunos (as).

Lipman também acredita que ensinar filosofia nos moldes das comunidades de investigação à base do diálogo auxilia na criação de uma consciência cidadã, que envolve educação para valores cívicos. Para o autor, em uma sociedade democrática, por estarmos comprometidos “com o pluralismo e a diversidade, nenhum conjunto de valores pode ser ensinado à custa de outros valores, sem a violação dos direitos constitucionais de alguém”. (LIPMAN, 1988, p.66) No entanto, em uma sociedade pluralista, com uma diversidade de fins, precisa de algum consenso mínimo em relação aos meios de funcionamento. Um exemplo seria a ideia de que “quaisquer que sejam nossos compromissos políticos ou religiosos, todos aceitamos o sistema legal e a soberania da Constituição, porque percebemos que sem isso haveria pouca saída para a nossa sociedade.” (LIPMAN, 1988, p.66) Sendo assim, Lipman defende que em um programa para educação de valores deve “haver um consenso comunitário, que cultive o desenvolvimento do caráter moral e que promova a educação de indivíduos racionais e reflexivos”, mostrando aos alunos as responsabilidades e vantagens da cidadania. (LIPMAN, 1988, p.68)

Uma pessoa que tem o caráter de “bom cidadão” é aquela que internaliza - isto é, adota como seus - os mecanismos sociais de racionalidade na prática institucional. Assim, membros de um comitê de seleção, cujas crenças e atitudes pessoais são diversas, concordarão com a necessidade de imparcialidade de evidências, especificações de trabalho clara e precisas, metas, objetivos e critérios de avaliação para que os candidatos sejam escolhidos justamente. Os membros do comitê podem ver diferentemente cada candidato, mas eles não diferem com relação aos procedimentos de avaliação por que estes são aceitos e internalizados por todos. Do mesmo modo, indivíduos civilizados geralmente internalizam o sistema legal e o código de leis, os procedimentos parlamentares, os códigos de conduta honesta, as diretrizes prudentes da prática diplomática e até mesmo alguma metodologia de investigação científica. Essas não são meras questões de opinião ou de ideologias conflitantes: elas representam as bases

racionais da civilização, e a socialização legítima envolve sua internalização por todos os indivíduos. (LIPMAN. 1988, p.67 e 68)

Lipman acredita que a educação de valores na escola deveria ser a educação de valores cívicos e isso não seria doutrinação, mas uma orientação do jovem em direção ao que nossa sociedade considera de mais relevante dentre suas tradições e ideais. Porém, não seria apropriado que o (a) professor (a) apresentasse a sociedade com uma natureza imutável, como seriam as aulas de estudos sociais. A sociedade e suas instituições devem ser apresentadas mais problematicamente, pois, dessa maneira:

[...] os ideais que guiam uma sociedade democrática, como justiça e liberdade, podem ser apresentados como metas em direção às quais a sociedade está comprometida em mover-se e aproximar-se progressivamente. Tais ideais precisam ser apresentados não como conceitos acabados, mas sim como conceitos que estão abertos e são contestáveis, convidando à discussão e clarificação. Conseqüentemente, com a aquisição dos mecanismos e metodologia de avaliação, os estudantes achar-se-ão capazes de estimar se as instituições de sua sociedade de fato implementam e tornam possível a realização de seus ideais. Cada ideal, então, torna-se um critério de avaliação em vez de um símbolo invocado retoricamente e subsequentemente ignorado. Nesse sentido, bons cidadãos são cidadãos reflexivos, a insistem que os ideais não sejam meramente professados, mas operacionalizados e implementados. (LIPMAN, 1988, p.78)

Sendo assim, Lipman chama atenção para essa questão de que se os valores só forem apresentados, mas não forem colocados para avaliação, os (as) alunos (as) serão somente direcionados a propagar as práticas existentes. O ensino de valores sugerido por ele engloba a avaliação dos valores de uma maneira aberta e participativa. “Pensar racionalmente sobre valores exige habilidades para a formação de conceito que a filosofia é especialmente bem equipada em prover.” (LIPMAN, 1988, p.91) O autor defende que insistir que os jovens precisam de socialização:

[...] é subestimar a contribuição que estão preparados a dar ao processo social em que estão envolvidos, é assumir que a sociedade é uma estrutura dentro da qual eles devem ser ajustados, e não uma ordem de constituição flexível e aberta que respeita, elicia e dá espaço para as contribuições criativas do indivíduo. Segundo, a formulação da educação em termos de aprendizagem em vez de raciocínio, novamente

trata o jovem como passivo em vez de ativo, como um receptor em vez de um emissor, como alguém para ser manejado, para ser processado em vez de como alguém capaz de fazer contribuições originais ao processo social. Terceiro, tal abordagem subestima a capacidade dos jovens de investigar as forças sociais com as quais eles interagem. (LIPMAN, 1988, p.130 e 131)

O autor deixar claro que, para ele, a consciência cidadã diz respeito ao conhecimento e avaliação de valores, ou seja, uma iniciação às “regras” do “jogo social” ao mesmo tempo em que o (a) aluno (a) torna-se consciente de que elas não são fixas e que pode pensar sobre os seus prós e contras, comparando os valores cívicos com as diversas realidades sociais.

Segundo Lipman, Oscanyan e Sharp (2001, p.231) a educação filosófica também envolve a educação moral em geral, pois provê a capacidade de desenvolvimento de habilidades de pensamento fazendo com que os aspectos lógicos de uma questão moral sejam identificados, compreendendo a “necessidade de objetividade, coerência e globalidade a partir de sua própria perspectiva dessas situações”. (LIPMAN; OSCANYAN; SHARP. 2001, p.231) Além disso, para os (as) autores (as), a educação moral a partir de uma perspectiva filosófica pode auxiliar as crianças:

- a terem uma atitude mais aberta e flexível sobre a possibilidade de cada situação;
- a perceberem que uma situação problema raramente é só moral, já que se mistura com aspectos metafísicos, epistemológicos, estéticos, etc. Isso faz com que a criança não trate as situações de forma superficial, mas leve em conta as várias dimensões do problema;
- não só a aprenderem a desenvolver raciocínios morais mais complexos, mas também a desenvolverem as competências para praticarem aquilo que decidiram fazer.

As Novelas Filosóficas e a Organização do Currículo

A forma escolhida por Lipman de viabilizar os seus pressupostos sobre o ensino de filosofia para crianças foi a criação de novelas para substituírem o livro didático. O material básico seria então composto pela novela e mais um

livro com exercícios e atividades complementares para uso do (a) professor (a). A novela é a proposta de material didático principal e visa servir como um guia propulsor das discussões em sala de aula.

[...] o texto tradicional dá lugar ao romance filosófico, um trabalho de ficção constituído, tanto quanto possível, de diálogos de modo a eliminar a repreensível voz de um narrador adulto atrás dos bastidores. As idéias filosóficas estão espalhadas profusamente em cada página [...]. À medida que as crianças que povoam o romance vão se envolvendo numa cooperação intelectual e, assim, formando uma comunidade de investigação, a história se torna um paradigma para as crianças reais da sala de aula. De fato, o objetivo de cada um desses romances é ser um exemplo ao retratar crianças de ficção no ato de descobrir a natureza da disciplina na qual e sobre a qual é esperando que as crianças da sala de aula pensem. (LIPMAN, 1988, p.22)

O que se espera é que as crianças das novelas sirvam de modelo para o modo de pensar das crianças reais, com o objetivo de incentivá-las a aplicarem métodos e ferramentas de investigação e possam “competentemente, avaliar evidências, detectar incoerências e incompatibilidades, tirar conclusões válidas, construir hipóteses e empregar critérios até que percebam as possibilidades de objetividade com relação a valores e fatos”. (LIPMAN, 1988, p.22) Cada novela tem o enfoque em uma área, sendo as primeiras relacionadas a linguagem, as formas de raciocínio, a lógica formal e informal e outras envolvendo questões éticas, políticas e estéticas. A proposta é que a dinâmica das aulas se organize, principalmente, a partir de diálogos filosóficos entre todos (as) os (as) integrantes da turma. As novelas não apresentam teorias filosóficas propriamente ditas e nem a terminologia tradicional, fazem apenas menção a alguns filósofos no nome dos personagens, como o Ari dos Telles, lembrando Aristóteles e Mark, fazendo menção ao Marx. Lipman, Oscanyan e Sharp (2001, p.70) acreditam, inclusive, que um dos maiores obstáculos para a prática da filosofia pelas crianças seria a tradicional terminologia, é por isso que o programa de Filosofia para Crianças proposto por eles (as) “[...] exige que se passe por cima desse vocabulário. Na medida do possível, deve incentivar o pensamento filosófico a partir dos termos e conceitos da linguagem cotidiana com a qual as crianças se sintam à vontade”. (LIPMAN; OSCANYAN; SHARP. 2001, p.70) O programa de Filosofia para Crianças:

[...] não pretende que os alunos “aprendam filosofia” e sim que “façam filosofia”, o que envolve “deliberação”, “diálogo” e “raciocínio”. E isso as crianças podem fazer, a medida em que lêem, discutem e raciocinam sobre os temas de que se ocuparam os filósofos, tais como “verdade”, “justiça”, entre outros. Embora muitos digam que elas não são capazes de fazer isso, “o fato é que elas fazem”. E ao fazê-lo, complementa Ann Sharp, não estão apenas e simplesmente conversando, mas sendo expostas à tradição filosófica que está contida nas falas das personagens das novelas, apenas convertida para a “linguagem do dia-a-dia” (Cf CARVALHO, 1994, p.5). De fato, a única condição sine qua non para que a filosofia possa ser trabalhada com as crianças é “sacrificar a terminologia hermética” que a torna “ininteligível para o leigo” e, por vezes, também para o iniciado na matéria (LIPMAN, 1990, pp.21-22). (SILVEIRA. 2001, p.49 e 50)

Nas três novelas estudadas, *Pimpa* (1995), *Issao e Guga* (1995) e *A Descoberta de Ari dos Telles* (1998), a similaridade mais robusta com as teorias dos (as) filósofos (as) do cânone tradicional foram algumas páginas no final da novela *Pimpa*, em que um dos personagens inventa uma pequena história que aborda a teoria das ideias de Platão dentro de um contexto e linguagens adaptados, e na novela *A descoberta de Ari dos Telles*, em que os personagens vão, aos poucos, mostrando ao leitor as regras básicas da lógica silogística Aristotélica. Em nenhum momento os filósofos são citados nas histórias. Os diferentes problemas filosóficos são levantados ao longo dos diálogos, soltos no meio das conversas dos personagens. A ideia é que as próprias crianças fiquem interessadas nas questões filosóficas colocadas e apontem o interesse em falar sobre elas. A sugestão é que, primeiramente, seja realizada uma parte da leitura conjunta da novela e depois o (a) professor (a) solicite que todas as crianças compartilhem o que mais chamou a sua atenção e depois selecionem quais serão as temáticas a serem debatidas.

Durante a discussão todos são estimulados a falar com total liberdade o que pensam dos assuntos abordados, bem como das opiniões dos demais. Quando uma criança discorda de outra, ela é solicitada a explicar suas razões, o que, por vezes, é feito através da apresentação de contra-exemplos, isto é, de exemplos que contrariam o que foi dito pelo colega de quem ela discorda. Assim, “investigando” juntas através do “diálogo filosófico”, as crianças percebem, por si mesmas, quando seus argumentos são bons ou ruins, tornando-se capazes de se autocorrigirem. (SILVEIRA. 2001, p.49 e 50)

Nas obras escolhidas para estudo sobre a metodologia do programa, principalmente na *Filosofia na Sala de Aula*, os (as) autores (as) apresentam diversas reflexões sobre o que, na visão deles (as), seria um debate propriamente filosófico, assim como, orientações de como colocar isso em prática, citando diferentes exemplos práticos.

Sobre a diferença na forma como se recomenda que o programa seja aplicado em cada nível escolar (infantil, fundamental e médio), na obra *Filosofia na sala de aula* é apresentada a organização do currículo nos Estados Unidos, porém, ainda sem um material específico direcionado para o Ensino Médio.

- *Elfie e Issao e Guga* - Pré-escola (1ª e 2ª séries): aquisição de linguagem, formas de raciocínio implícitas nas conversas cotidianas, consciência perceptiva, classificações, distinções e reflexão sobre os sentimentos.
- *Pimpa* - (3ª e 4ª séries): as características da 1ª e 2ª séries são mantidas, porém, há uma ênfase nas estruturas semânticas e sintáticas, por exemplo, ambiguidade e “conceitos como causalidade, tempo, espaço, número, pessoa, classe e grupo.” (LIPMAN; OSCANYAN; SHARP. 2001, p.80)
- *A descoberta de Ari dos Telles* (5ª e 6ª séries): foco na compreensão da lógica formal e informal.
- *Luísa e Satie* - continuação de *A descoberta de Ari dos Telles* (7ª e 8ª séries): investigação ética, da linguagem e dos estudos sociais em *Luísa*. A obra *Satie* aborda questões como “experiência e o significado, os critérios de avaliação do trabalho escrito, a relação entre o pensar e o escrever, a natureza da definição e a distinção entre arte e artesanato.” (LIPMAN; OSCANYAN; SHARP. 2001, p.81)

Para o 2º grau, os (as) autores (as) dizem que:

[...] deveria ser formado por uma série de abordagens que representassem uma área de especialização filosófica mais avançada. Novelas distintas, cada qual com seu próprio manual, deveriam ser criadas nas áreas de ética, epistemologia, metafísica, estética e lógica. Cada uma delas contribuiria para reforçar e dar continuidade às habilidades de pensamento e às técnicas para aplicá-las. Tais habilidades foram desenvolvidas nos níveis anteriores do programa de Filosofia para Crianças. (LIPMAN; OSCANYAN; SHARP. 2001, p.81)

Na obra *Filosofia vai à escola?*, Silveira (2001, p.73) apresenta outra organização do currículo, segundo informações do Centro Brasileiro de Filosofia para Crianças (CBFC). O autor ressalta que aqui no Brasil a CBFC substituiu *Elfie* pela novela *Rebeca*, escrita por Ronald Reed e lançada em 1996. Segundo Silveira (2001), na época da escrita de sua obra ainda não havia tradução de *Elfie*, *Suki* e *Mark*.

- 1) *Elfie*: destinado às classes de educação infantil e à 1ª série do ensino fundamental - aborda o pensamento das crianças sobre a realidade em que vivem. Este ainda não tem tradução em português.
- 2) *Issao e Guga*: para 1ª, 2ª e 3ª séries do ensino fundamental - introduz questões sobre a natureza e sua percepção.
- 3) *Pimpa*: para 3ª, 4ª e 5ª séries do ensino fundamental - trabalha o significado da linguagem e sua interpretação.
- 4) *A descoberta de Ari dos Telles*: para 5ª e 6ª séries do ensino fundamental - contém um programa de lógica formal que procura desenvolver o raciocínio e a investigação.
- 5) *Luísa*: para 7ª e 8ª séries do ensino fundamental - aborda questões de ética e moral.
- 6) *Suki*: para o ensino médio - discute temas de estética relativo à arte, ao belo, à literatura, etc.
- 7) *Mark*: também para o ensino médio - é um programa de filosofia política e social que aborda temas como “o poder, a organização social, a justiça e as relações indivíduo-sociedade” (SILVEIRA, 2001, p. 73).

Também é importante ressaltar que, dentro desse programa, os (as) professores (as) que ministram os cursos de filosofia para crianças nas escolas não precisam ser formados em filosofia. Os (as) professores (as) da educação básica que tiverem interesse em ministrar as aulas pelo programa precisam fazer um curso de formação com a equipe do programa de Filosofia para Crianças, que envolve etapas teóricas e práticas (o estágio de observação) e depois estarão aptos (as) a aplicarem o método ensinado.

Considerações Finais

Segundo SILVEIRA (2001), o programa *Filosofia para Crianças* de Matthew Lipman esteve presente não somente nos Estados Unidos, país de origem, mas como também em diversos países², incluindo o Brasil.

Abaixo apresento uma tabela com informações resumidas sobre o estudo dos pressupostos teóricos e metodologia proposta pelo (a) autor (a) a partir das obras analisadas.

AUTOR (A)	ETAPA (S) DE ENSINO	ALGUMAS INFLUÊNCIAS TEÓRICAS	CONCEPÇÕES DE FILOSOFIA	APRENDIZADOS DE CONTEÚDO, COMPETÊNCIAS E HABILIDADES	METODOLOGIA
Matthew Lipman	Toda a Educação Básica	John Dewey; Jerome Bruner; Michel Oakeshott; Ludwig Wittgenstein; Gilbert Ryle, Martin Buber; Émile Durkheim; Max Weber; L. S. Vygotsky; Charles Pierce; G. H. Mead; Sócrates; Nietzsche.	(1)Um exercício problematizador do pensamento sobre todas as questões; (2)Um auxílio para o bem viver; (3)Uma fundamentação da vida cidadã; (4)Uma atividade rigorosa de análise lógica (5)Uma atividade de criação de conceitos	-pensar por si mesmo -pensamento organizado a partir de regras da lógica formal e informal -hábitos reflexivos -prontidão para a razão -respeito mútuo -capacidade de identificação dos aspectos lógicos, metafísicos e epistemológicos de questões morais -desenvolvimento das competências para conseguirem colocar em prática o que decidiram fazer relativo às questões morais complexas. -atitude mais aberta e flexível sobre a possibilidade de cada situação, enxergando os seus diferentes ângulos. -consciência cidadã	Construção de uma comunidade de investigação que é criada a partir da leitura de novelas/histórias . Os problemas e temáticas da história da filosofia são inseridos nos diálogos das novelas. Os termos filosóficos, os nomes dos (as) filósofos (as) não são utilizados e nem as teorias dos (as) filósofos (as), a não ser através de pequenas transposições didáticas em um trecho ou outro das histórias, mas sem mencionar o nome da teoria ou do (a) autor (a). Essas novelas são lidas de forma conjunta e postas para diálogo e problematização em sala de aula. O (a) professor (a) pergunta o que chamou a atenção dos alunos e é a partir dessas respostas que os diálogos argumentativos e as investigações iniciam. Em alguns momentos serão realizados exercícios para melhor clarificação dos processos lógicos e desenvolvimento de outras habilidades como, por exemplo, a de escrita e criação literária. Os (as) professores (as) devem

² México, onde há um curso de doutorado em Filosofia para Crianças, Inglaterra, Chile, Dinamarca, Egito, Austrália, Áustria, Canadá, Taiwan, Islândia, França, Alemanha, Israel, Jordânia, Colômbia, Guatemala, Bulgária, Nigéria, Zimbabwe, Portugal, Rússia, Argentina e Brasil. (SILVEIRA, p.19 e 20, 2001)

Referências:

LIPMAN, Matthew. **A filosofia vai à escola**. São Paulo. Ed. Summus Editorial, 1988.

LIPMAN, Matthew. **Issao e Guga**. São Paulo. Ed. Filosofia para Crianças: educação para o pensar, 1995a.

LIPMAN, Matthew. **Pimpa**. São Paulo. Ed. Filosofia para Crianças: educação para o pensar, 1995b.

LIPMAN, Matthew. **A descoberta de Ari dos Telles**. São Paulo. Ed. Filosofia para Crianças: educação para o pensar, 1998.

LIPMAN, Matthew; OSCANYAN, Frederick S; SHARP, Ann Margaret. **Filosofia na sala de aula**. São Paulo. Ed. Nova Alexandria, 2001.

SILVEIRA, Renê José Trentin. **A filosofia vai à escola? Contribuição para a crítica do Programa de Filosofia para Crianças de Matthew Lipman**. São Paulo. Ed. Autores Associados, 2001.